

REPORTAGEM DE CAPA

A educação tem de levar em conta a subjetividade humana e que, em algum momento, cada um, à sua maneira, demandará um atendimento especial frente as suas necessidades

Construção de uma consciência

LILIAN MONTEIRO

Como dizia o sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman: “Pela primeira vez, estamos percebendo que as diferenças entre os seres humanos e a falta de um modelo universal vieram para ficar” (Bauman, 2013). Esse é o start que a mestre em educação Jane Patrícia Haddad, psicanalista e psicopedagoga, escolheu para explicar que pensar inclusão no ambiente escolar não significa apenas criar vagas para as pessoas com necessidades especiais na escola regular, e muito menos apenas seguir as leis. “Incluir é superar nossas próprias dificuldades em aceitar aqueles e aquelas que são diferentes de nós. Incluir requer um processo a ser construído diariamente, em que a escola se torna acolhedora das diferenças, inclusive em seu currículo e formas de avaliar. Incluir não é uma ação tão natural quanto parece, é uma construção contínua de uma conscientização política de que todos devem ser agentes e, portanto, o sujeito do ato educativo, independentemente da limitação física, psíquica e emocional.”

Jane Patrícia Haddad ensina que a escola foi uma invenção da modernidade e sempre sustentou um modelo cartesiano/positivista de aluno, o que influencia até hoje nas práticas escolares. “Mudar isso é um longo processo. O que as escolas vêm fazendo é um repensar constante sobre esse modelo, já que os alunos ‘ideais’ deverão ser olhados como alunos ‘reais’, com possibilidades e também com suas limitações. A educação terá que levar em conta a subjetividade humana, que não poderá ser reduzida apenas ao aspecto cognitivo e suas fases de desenvolvimento. Lembremo-nos de que todos nós, cada um à sua maneira, em algum momento teremos que ter atendimento especial frente as nossas necessidades. Educar é levar luz, abrir atalhos diante de rodovias sem paisagem, é despertar no outro o que ainda está adormecido. É dar exemplos de cidadania, respeito aos diferentes. Temos feito inclusão?”

Conforme Jane Patrícia Haddad, nossa educação ainda se baseia em modelos de ‘iguais’, em padrões de qualidade, eficiência e rankings. Para alguns alunos isso é possível, mas não para todos. “Uma sociedade que prima por modelos ideais de beleza, inteligência, felicidade e desempenho não deve se desconectar de outras habilidades e subjetividades possíveis. Freud já nos alertava que o estado de bem-estar é um ideal inatingível. Não há como negar a verdade do sujeito, que podemos pensar como a ‘dor do existir’, que constitui o sujeito, portanto, a tão proclamada educação prazerosa e seu bem-estar é impossível, o desprazer está presente em toda relação. Ser diferente é fato, gostemos ou não, e excluir é crime.”

Com toda experiência e visão, Jane Patrícia Haddad conta que algumas instituições vêm propondo mudança na forma de olhar e escutar o sujeito que chega à escola. “Inclusão refere-se à redução de todas as pressões pela inclusão de uma educação para todos. Sim, todos e cada um têm o seu direito constitucional de poder pertencer ao sistema educacional, independentemente de suas deficiências, eficiências, rendimento escolar, religião, etnia, gênero, classe, estrutura familiar, estilo de vida ou sociedade. Incluir é olhar para os profissionais da educação com respeito. A grande discussão hoje é que o professor já foi mais valorizado, como tantos outros profissionais também já o foram, e hoje não o são. Incluir requer muito estudo de caso a caso. Isso leva tempo, são necessárias muitas trocas e, principalmente, estudo.”

CORRESPONSABILIDADE Para a psicopedagoga, a educação como reflexo de uma sociedade está vivendo uma transição de valores, antes tidos como universais (o aluno ideal) e hoje sem uma referência muito clara: “O que é um valor para uma escola já não é para outra e, assim, seguimos buscando novos modelos, referenciais, reconhecimentos e outras formações. Acredito que o valor deverá vir de dentro para fora, cada um terá que se rever, inclusive nos seus medos, angústias e saberes. Defendo que os professores brasileiros estão passando por um momento rico, de transformação, e os mais ou menos não sobreviverão. Há um convite convocatório de conscientização



GLADYSTON RODRIGUES/EM/D.A.PRESS - 4/5/18

“A inclusão começa pelo desejo de incluir. A aprendizagem é um a um, é experienciar suas próprias características, interesses, habilidades e necessidades, independentemente do seu diagnóstico ou mesmo do seu rótulo”

Jane Patrícia Haddad, mestre em educação

PONTOS ESSENCIAIS:

- » 1 - As crianças menores não são (ainda) dotadas de preconceitos, pelo contrário, elas são muito solidárias e suportam bem seus diferentes
- » 2 - Professores e gestores que apostam nos sujeitos conseguem bons efeitos
- » 3 - Acolher é o primeiro passo de qualquer humanização possível
- » 4 - A primeira atitude é destituirmo-nos do lugar de “sabe-tudo”, do lugar apenas do ensinar, o momento é um convite a apreender com os ditos “especiais” e partir do pressuposto de que cada um de nós, em algum momento da vida, terá uma necessidade especial
- » 5 - Quem é o sujeito que adentra nossas escolas? A educação inclusiva permite um repensar e uma possibilidade de lançar o olhar para outras diversas direções ainda não visitadas
- » 6 - A Lei da Inclusão deve ser olhada como um convite à inovação e à humanização da educação
- » 7 - Inclusão é para poucos. É preciso acordar e ultrapassar a imposição da lei, e lembrar: “Há muitas pessoas de visão perfeita que nada veem... O ato de ver não é coisa natural. Precisa ser aprendido”, já alertava Rubem Alves, psicanalista, educador, teólogo e escritor

PARA PENSAR...

Escolas, assistam com seus docentes ao documentário *Nunca me sonharam*, de Cacau Rhoden, em que o título é a frase de um adolescente que nunca foi sonhado por seus pais. E refletem: sonhamos algo para os alunos e alunas ditos deficientes? Olhem para crianças e jovens que pensam diferente de vocês e os escutem em suas diferentes formas de se comunicar. E refletem sobre uma escola que escuta pessoas e não CID(S) de doenças, estamos lidando com pessoas, com gente, com seres humanos que clamam por um sentido de vida, sentido de aprender, sentido em ir todos os dias para as escolas e enfrentar seus desafios, seja no lugar de professores ou no lugar de alunos. Precisamos de escolas e universidades que nos lembrem que somos humanos e diferentes, que nos transmitam algo a mais do que passar de ano e ser o melhor da turma para, amanhã, conseguir um bom emprego

política. Cada um em sua escola, em sua comunidade é um agente e, portanto, sujeito do ato educativo a que se propôs. Não se consegue mais responsabilizar o outro por aquilo que não se faz. O momento é de corresponsabilidade.”

Já passou da hora, enfatiza Jane Patrícia Haddad, de todos se despedirem da educação onipotente, que pode tudo e sabe de tudo. “Não temos todas as respostas e as certezas já não atendem mais à nossa educação. Os processos de inclusão real exigem uma despedida, com todos os lutos necessários. A escola é um ambiente

que deve refletir a sociedade como ela é. É desse ponto que construiremos uma sociedade mais comprometida, é de dentro da escola e não mais só de dentro da família. É a educação “formal” que está convidando e convocando as famílias a acolherem os alunos com necessidades especiais, que deverão ser atendidos em suas potencialidades e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades educacionais. É essa escola em que acredito, uma escola que tenha cheiro e cara de mais um lugar de vida.”

RAIO-X DE MINAS GERAIS SEGUNDO O CENSO 2018

55.365
é o número de alunos com deficiência matriculados na rede estadual

24
é o número de escolas especiais

2.334
é o número de alunos matriculados nessas escolas especiais na rede estadual

53.031
é o número de alunos com deficiência matriculados em escolas regulares estaduais

1.734
é o número de unidades com atendimento educacional especializado (AEE) no estado

2 milhões
é o número total de alunos matriculados na rede estadual de educação

AS DEFICIÊNCIAS INFORMADAS PELO CENSO ESCOLAR SÃO:

- » Cegueira: 338
- » Baixa visão: 3.681
- » Surdez: 1.317
- » Deficiência auditiva: 1.772
- » Surdocegueira: 9
- » Deficiência física: 5.291
- » Deficiência intelectual: 42.353
- » Deficiência múltipla: 4.686
- » Autismo: 4.173
- » Síndrome de Asperger: 579
- » Síndrome de Rett: 70
- » Transtorno desintegrativo da infância: 4.011
- » Altas habilidades/superdotação: 547

FONTE: Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE)